

Combinações metodológicas e interseccionalidade: uma abordagem para análise de representações jornalísticas de mulheres que sofrem violência de gênero¹

Nara Assis dos SANTOS²
Tamires Ferreira COELHO³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta analítica composta por metodologias e procedimentos que se entrelaçam e se complementam em torno de um objetivo: analisar interseccionalmente como as mulheres vítimas de violência de gênero, seja em ambiente doméstico ou seja público, são representadas pela imprensa online de Cuiabá, especificamente nos sites Olhar Direto e FolhaMax. O tema parte de uma dissertação de mestrado em andamento que busca responder à questão: Quais sentidos são acionados por meio das representações feitas por sites cuiabanos com relação às mulheres que sofrem violência? Partimos de uma combinação à luz da perspectiva interseccional (COLLINS, 2021; CARNEIRO, 2019), transversal à pesquisa, que mescla levantamento bibliográfico (SEVERINO, 2017), pesquisa exploratória e pesquisa da pesquisa (BONIN, 2010), análise de conteúdo (BARDIN, 2011) e entrevista semiestruturada em profundidade (DUARTE, 2006).

PALAVRAS-CHAVE: mulher; violência; sites; interseccionalidade.

INTRODUÇÃO

Como mulheres, não conseguimos especificar a primeira violência de gênero que sofremos, tampouco éramos capazes, na infância e adolescência, de dar nome ao que acontecia. Mas, sempre tivemos, conscientemente ou não, muito medo de ser estupradas.

Fomos seguidas na rua quando adolescentes por homens de bicicleta, outras tantas fomos assediadas, passamos por relacionamentos abusivos. Não precisaríamos também falar sobre quão exaustiva é a jornada de uma mãe solo, caso de uma de nós e de muitas mulheres (casadas, solteiras, divorciadas, viúvas, mas todas responsáveis integralmente pelo cuidado que deveria ser dividido, ao menos, entre duas pessoas). Esta é a realidade

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFMT, e-mail: narina.assis@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação e vice coordenadora do PPGCOM-UFMT, e-mail: tamires.coelho@ufmt.br.

de 11,3 milhões de mulheres no Brasil, de acordo com pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Os dados são relativos ao ano de 2022 e representam aumento de 17,8% em comparação a 2012, quando o país tinha 9,6 milhões de mães que cuidam sozinhas dos(as) filhos(as)⁴. Reconhecendo os privilégios que permitem que uma de nós proporcione uma vida confortável ao filho, como estabilidade do serviço público e rede de apoio familiar e de amigos(as), são muitos os desafios neste percurso, desde solidão materna, exaustão, até violência patrimonial.

Não escapamos também de assédio em nossos trabalhos. Quanto mais contato com os casos de violência de gênero, com leitura e escrita sobre casos de lesão corporal, feminicídios, medidas protetivas, Lei Maria da Penha, lidando cotidianamente com dados assustadores dessa violência, é potencializada a indignação.

O acompanhamento das matérias publicadas pela imprensa, especialmente em sites cuiabanos, também faz surgir o incômodo com relação à forma como estas mulheres são representadas. Nunca ter sofrido violência física nos termos entendidos pela sociedade como tal (tapas, estupro, facadas, etc.), não isenta nenhuma de nós de ser machucada psicologicamente e fisicamente de outras maneiras.

A escolha já representa, por si só, a transversalidade da interseccionalidade dentro da pesquisa em questão. O principal objetivo, que é analisar como as mulheres vítimas de violência de gênero, seja em ambiente doméstico ou público, são representadas pela imprensa online de Cuiabá, nasce de inquietações, é ampliada e moldada levando em conta lentes interseccionais, a partir de perspectivas apontadas por Collins (2021), Carneiro (2019) e Bueno (2020), como detalharemos mais à frente.

Como objetivos específicos, temos: contextualizar as rotinas produtivas de jornalistas que cobrem polícia para sites em Cuiabá, de modo a perceber condições de produção no ecossistema midiático cuiabano que não se restrinjam aos sites analisados; identificar estereótipos e imagens de controle de mulheres que sofrem violência de gênero nas matérias veiculadas pelos sites selecionados; compreender como as desigualdades de gênero estão presentes nas matérias publicadas sobre mulheres que sofrem violência de gênero; e refletir sobre a influência dos processos de elaboração de pautas, apuração e

⁴ Dados citados em matéria publicada pela Agência Brasil, disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-05/maes-solo-tem-mais-dificuldade-de-entrar-no-mercado-de-trabalho#:~:text=O%20n%C3%BAmero%20de%20m%C3%A3es%20solo,11%2C3%20milh%C3%B5es%20em%202022>. Acessada em 03/07/2023.

produção das notícias, a partir de entrevistas em profundidade realizadas com dez jornalistas de Cuiabá.

A análise parte de matérias jornalísticas publicadas nos sites Olhar Direto e FolhaMax, escolhidos por serem veículos muito conhecidos e acessados em Mato Grosso e em Cuiabá, conforme dados do aplicativo SimilarWeb⁵. O FolhaMax foi incluído, também, por ser incisivo na publicação de matérias relacionadas à violência geral, incluindo violência de gênero. Já o Olhar Direto foi escolhido por sua aparente tentativa de fazer um contraponto, com linha editorial diferente do FolhaMax. Enquanto o FolhaMax possui uma editoria de Polícia, dedicada a casos de violência e crimes, o Olhar Direto não possui uma seção específica a este fim e publica as matérias relacionadas a estes temas na editoria de Cidades.

Para a pesquisa, foi feito um levantamento das matérias divulgadas nos meses de março e maio de 2022, inicialmente escolhidos por contemplarem, respectivamente, o Dia Internacional da Mulher e Dia das Mães. Nestas datas percebe-se um apelo maior nas matérias publicadas que envolvem mulheres, sejam como personagens de uma narrativa de superação ou como vítimas de violência. Estes períodos foram pré-definidos, também, na intenção de indicarem elementos importantes que pudessem sinalizar categorias de análise valiosas para alcançar o objetivo central. Após a realização da pesquisa exploratória (BONIN, 2020), o corpus foi repensado e o mês de maio definido como o período da pesquisa sistemática, como detalharemos a seguir.

MOVIMENTOS EXPLORATÓRIOS

Antes de aprofundar nas metodologias que foram o ponto de partida para a definição de caminhos importantes neste percurso, pontuamos que a pesquisa é de natureza quali-quantitativa e que tem na pesquisa bibliográfica a base para aprimorar os fundamentos teóricos, conforme nos aponta Antônio Joaquim Severino (2017):

A bibliografia como técnica tem por objetivo a descrição e a classificação dos livros e documentos similares, segundo critérios, tais como autor, gênero literário, conteúdo temático, data etc. Dessa técnica resultam repertórios, boletins, catálogos bibliográficos. E é a eles que

⁵ Olhar Direto e FolhaMax receberam, respectivamente, 120,6 mil e 715,1 mil visitas no mês de março de 2022, pelo desktop. Já considerando os acessos por dispositivos móveis, no mesmo período, o Olhar Direto recebeu 1,1 milhão de visitas, enquanto o FolhaMax obteve 2,9 milhões. O aplicativo é uma ferramenta de coleta, síntese e modelagem de dados. A consulta foi feita em 18 de abril de 2022.

se deve recorrer quando se visa elaborar a bibliografia especial referente ao tema do trabalho. (SEVERINO, 2017, p. 136).

Na mesma linha, complementando o aperfeiçoamento acerca das teorias de gênero, de violência, comunicação online, interseccionalidade e representações sociais (HALL, 2016), a pesquisa da pesquisa (BONIN, 2010) se mostrou um procedimento eficaz. A proposta da autora (2010) vai além de somente consultar trabalhos já produzidos que tenham relação com o objeto empírico de referência. Esta fase permitiu se abrir à reflexão e desconstrução, para que, referendando Bonin (2010), possibilitasse empreender apropriações, reformulações e alargamentos de proposições, em vários níveis.

A pesquisa da pesquisa (BONIN, 2009) possibilita a visão mais ampla em nível de mapeamento sobre discussões relativas ao fenômeno analisado, bem como instiga a pensar insuficiências, perceber problemas que outras pesquisas enfrentaram, ajudando a entender dimensões de relevância da pesquisa, de contribuições para o campo e permitindo desdobramentos e reflexos sobre a sustentação teórica e metodológica. “A pesquisa da pesquisa é literalmente o revisitar, interessado e reflexivo, das pesquisas já realizadas sobre o tema/problema a ser investigado ou próximas a ele” (BONIN, 2006, p.31).

Consequentemente, avançamos para o método da pesquisa exploratória (BONIN, 2010) que, de acordo com a autora, é um importante movimento para a estruturação do objeto de pesquisa, de forma a trabalhar concomitantemente com as práticas de pesquisa teórica, metodológica e de contextualização. “Essas operações metodológicas precisam, a meu ver, ser trabalhadas concomitante e articuladamente – de modo a colocar o sujeito investigador pensante no centro da tensão entre esses movimentos” (BONIN, 2010, p.7).

Dessa forma, os movimentos exploratórios, nesta pesquisa, visavam encontrar elementos para orientar a definição do período a ser analisado, bem como, ter uma noção do volume de matérias publicadas e de alguns padrões recorrentes que pudessem indicar categorias de análise para serem aplicadas ao corpus delimitado. Porém, esse recorte nos levou além, e resultou em uma análise preliminar – qualitativamente importante – de um período curto nos dois sites pesquisados. A observação exploratória foi feita com coletas entre os dias 1º e 15 de abril de 2022.

O primeiro aspecto observado foi a quantidade de matérias policiais publicadas neste período, especialmente no site FolhaMax, com 435 matérias da editoria de Polícia. Deste total, foram selecionadas 58, por terem relatado algum caso de violência de gênero

ou por envolverem vítima mulher. Já no site Olhar Direto, no mesmo período, havia 294 matérias publicadas na editoria de Cidades. Dentre elas, 26 foram selecionadas seguindo o mesmo critério. Um padrão quanto aos tipos de crimes mais noticiados se repete nos dois sites pesquisados. A lesão corporal é responsável pelo maior número de matérias sobre violência de gênero (33,3% no Olhar Direto e 34,5% no FolhaMax), seguida de estupro (20,8% e 22,4%, respectivamente) e feminicídio/tentativa de feminicídio (12,5% e 17,2%, respectivamente).

Além da quantidade de matérias identificadas e tipos de crimes, outros pontos chamaram nossa atenção: refletimos se a forma como estas mulheres são representadas pelos sites analisados é, também, um processo de violência e quais são os sentidos acionados pelas representações que determinados termos criam. A partir disso, foi possível perceber alguns indícios de reforço de estereótipos machistas, como a culpabilização da vítima, por exemplo.

Para alargar um pouco esta compreensão, uma nova análise foi feita, desta vez, em um período mais curto, com o objetivo de aprofundar a análise. Foram selecionadas matérias publicadas entre 28 e 31 de março de 2022, referentes a casos em que foi destacado o relacionamento sentimental e/ou sexual entre os(as) envolvidos(as), já que geralmente são casos em que se identificam sentimento de posse, machismo e misoginia. Estes critérios resultaram na escolha de quatro acontecimentos cobertos por ambos os sites.

A partir destes movimentos exploratórios, os meses de março e maio foram pré-definidos como o corpus da pesquisa, como já apontado inicialmente. Mais especificamente, havíamos delimitado os períodos de 1º a 31 de março de 2022 e 1º a 31 de maio de 2022, com busca por matérias que abordassem casos de violência contra a mulher. Como o processo foi praticamente manual, visando evitar possíveis falhas do mecanismo de busca que geralmente apresentam os veículos online, foram pré-selecionados textos com vítimas mulheres, de forma mais ampla.

Depois disso, deparamos com 518 matérias somando os dois sites, nos dois meses mencionados. Então, começamos a fazer um primeiro filtro, excluindo os casos que não configuram violência de gênero, sob a ótica de autoras como Heleieth Saffioti (2001). “Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos” (SAFFIOTI, 2001, p. 01). Porém, a autora

(2001) ressalta que “as mulheres como categoria social não têm, contudo, um projeto de dominação-exploração dos homens” (SAFFIOTI, 2001, p.02).

Joan Scott (1995) traz um percurso histórico sobre o uso do termo gênero, afirmando que a palavra passou a ser utilizada pelas feministas mais seriamente, num sentido mais literal.

Na sua utilização mais recente, o termo “gênero” parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. (SCOTT, 1995, p. 72).

De acordo com a autora (1995), os movimentos feministas começaram, então, a adotar o termo como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos. Nesse aspecto, podemos dizer que esse sistema de relações enfatizado pelo uso de “gênero” pode incluir o sexo, “mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade” (SCOTT, 1995, p. 76).

Para avançar na análise, optamos por aplicar este filtro de forma concomitante à análise qualitativa das matérias, já que este é um procedimento que exige mais tempo e dedicação meticulosa à categorização do corpus. Este processo consiste na transposição dos dados em uma tabela de Excel para cada site, que possui 25 colunas de categorização.

Atualmente, 40 matérias do FolhaMax e 40 do Olhar Direto já constam nas tabelas, com todas as categorizações feitas, em ordem temporal decrescente, isto é, a partir do dia 31 de maio. Isso significa que, no caso do FolhaMax, entre os dias 31 e 19 do mesmo mês foram publicadas 40 matérias de violência de gênero. Ou seja, 40 casos noticiados em 12 dias, uma média de três casos por dia. Já no Olhar Direto, as 40 notícias foram veiculadas entre 31 e 22 de maio, isto é, em nove dias, representando quatro casos diários, em média. Com grandes volumes de publicações e tendo dois sites como objetos de estudo, uma nova delimitação foi feita. Seguiremos a pesquisa tendo como corpus apenas um mês, ou seja, o período de 1º a 31 de maio de 2022.

IMAGEM DE CONTROLE COMO CATEGORIA ANALÍTICA

Como dito anteriormente, a natureza da pesquisa é quali-quantitativa, e não se restringe ao número de matérias publicadas, tampouco às quantidades de categorias definidas e/ou identificadas. É importante abordar alguns achados qualitativos, até o

momento, para compreender o ponto de virada obtido a partir desses movimentos exploratórios, responsáveis por uma readequação metodológica que elevou um conceito a categoria analítica central, como abordaremos mais à frente.

Constatamos, nestes dois períodos analisados e no terceiro que caminha para a composição da análise sistemática, que persistem estigmas e construções sociais patriarcais, como aquela que associa a violência de gênero a um desentendimento de casal, uma briga na qual o homem perde o controle por um motivo aceitável. Ou, ainda, a ideia de que a violência é praticada por um monstro, um maníaco ou psicopata, em um processo de patologização do agressor.

Além disso, vemos a mulher objetificada nos textos verbal e não-verbal (fotografias e imagens utilizadas), como se fosse algo que pertencesse ao homem. Percebemos a emergência, a partir de elementos que buscam justificar a violência e, consequentemente, questionam o comportamento da vítima, de uma imagem de controle. A operacionalização deste conceito, segundo Patricia Hill Collins (2019), pode “refletir outras experiências de opressão, para além daquelas vivenciadas pelas mulheres negras” (BUENO, 2020, p.29). Winnie Bueno (2020) frisa que este conceito “tem relação adstrita com o conceito de matriz de dominação” (BUENO, 2020, p.34), levando em consideração “uma organização social que fortalece os sistemas de dominação que estruturam o poder hegemônico” (BUENO, 2020, p.34).

Considerando a utilização da interseccionalidade como lente epistêmica e analítica, que “vai muito além de ver a desigualdade social através de lentes exclusivas de raça ou classe; em vez disso, entende-se a desigualdade social através das interações entre as várias categorias de poder” (COLLINS; BILGE, 2021, p.48), temos indícios da constituição de uma imagem de controle que perpassa todas as vítimas retratadas nas matérias analisadas: a da Medusa, figura monstruosa, com poderes de “destruição”, mas também culpada pelo desejo que provoca. As lentes de interseccionalidade levam em conta também a perspectiva proposta por Sueli Carneiro (2019), que defende a demarcação da questão racial dentro do movimento feminista como uma agenda crucial que possa influenciar a construção e implementação de políticas públicas.

Se, por um lado, a figura mitológica feminina continua sendo caracterizada por uma combinação entre “sedução, poder e maldade”, por outro, isso também afeta a “distinção entre os gêneros” (HILGERT, 2020), cultural e jornalisticamente, uma vez que o estigma de culpabilização da vítima está presente em todas as representações das mulheres analisadas neste artigo e as coberturas remetem, direta ou

indiretamente, a essa tríade que constituiria a “mulher fatal”, provocativa em diversos aspectos. [...]

Chamar estupro de “sexo”, quando um envolve exercício de poder por meio de violência e o outro envolve consentimento mútuo, sobretudo em uma sociedade como a nossa, evoca “o perigo de invadir a gruta de Medusa e possuí-la, em razão do seu poder de transformar homens em pedra, pode ser um ingrediente de emoção que instiga a agressão” (HILGERT, 2020, p.65). A relativização do estupro é um problema que afeta a sociedade e, portanto, também está no campo jurídico. (ASSIS; COELHO, 2023, p.16-17).

Essa imagem de controle se transformou em uma questão central dentro da pesquisa e se entrelaça com as demais metodologias adotadas, a exemplo da análise de conteúdo (BARDIN, 2011) que, por sua vez, foi escolhida por entender que, por meio das notícias veiculadas nos sites, constroem-se maneiras de significar, de dar sentidos às representações presentes nos títulos e nos textos das matérias.

Laurence Bardin (2011) ressalta: “A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (BARDIN, 2011, p. 50). No método descrito pela autora (2011), esta busca se dá por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares que, no caso desta pesquisa, corresponde ao corpus já mencionado. A tabulação das matérias constitui-se a partir dos objetivos e de elementos característicos das matérias selecionadas em âmbito exploratório, atravessando elementos de representação e linguagem, mas também nos mostrou demandas ligadas à necessidade da realização de entrevistas com profissionais do jornalismo.

ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

As entrevistas semiabertas em profundidade demandam a elaboração de um roteiro-base, conforme Duarte (2006). A seleção de pessoas entrevistadas é, concomitantemente, definidora de possibilidades e limitações, sobretudo em um contexto de mercado jornalístico tão pequeno como o de Cuiabá-MT. É preciso considerar as experiências de jornalistas, inclusive dos veículos analisados, sem expor suas carreiras, o que nos faz olhar para padrões que se repetem em um ecossistema midiático e não necessariamente de forma isolada nas redações de sites cuiabanos. Ganhamos com relatos que nos permitam perceber os bastidores do processo produtivo de cobertura relacionada a mulheres vítimas de violência de gênero, não culpabilizando ou responsabilizando totalmente o profissional, mas pensando também em condições estruturais e estruturantes

que levam a cobertura até o patamar em que está. Ao mesmo tempo, é preciso trazer pessoas sem vinculá-las aos veículos, de modo a preservá-las, procedimento aprovado pelo Comitê de Ética em Humanidades da Universidade Federal de Mato Grosso.

A entrevista em profundidade (DUARTE, 2006) visa, com a utilização do modelo semiestruturado, ouvir dez profissionais do jornalismo que atuam em sites cuiabanos, se possível alguns dos que tenham assinado algumas das matérias constantes no corpus. O objetivo é compreender as lógicas do mercado local na cobertura de violência contra mulheres e as estratégias envolvidas na produção das notícias em sites cuiabanos, como o fenômeno do título caça-clique (BUENO, REINO; 2018), por exemplo, que pode se configurar como desinformativo. Conforme Jorge Duarte (2006), a entrevista em profundidade faz parte de um percurso de descobertas, no qual as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo. Também pode ajudar na descrição de processos e fluxos, compreensão do passado e instigar a discussão e análise da situação atual.

Por meio destas entrevistas já em andamento, cujo questionário foi testado e tensionado, são levantadas reflexões sobre os processos de seleção de fontes e acontecimentos, de produção de notícias, as visões de mundo nas quais os profissionais estão inseridos em redações de sites e as pressões pelo imediatismo da divulgação presentes no cotidiano dos jornalistas. Aspectos como a utilização dos boletins de ocorrência e/ou falas de autoridades policiais como fontes únicas também serão abordados, a fim de tentar compreender se esta relação influencia na utilização e reprodução de uma linguagem discriminatória e que, algumas vezes, culpabiliza as vítimas. Simultaneamente, não se objetiva de antemão culpar individualmente profissionais por problemas que têm nítida relação com o ecossistema jornalístico estruturado na capital mato-grossense.

CONSIDERAÇÕES

Preliminarmente, a construção metodológica já consegue nos apontar que questões de raça e classe social influenciam na forma de abordagem do Olhar Direto e do FolhaMax. No entanto, há ainda uma invisibilização destas informações no âmbito das matérias, o que pode ter relação com a ausência da informação em boletins de ocorrência. A pesquisa exploratória já nos convida a reorganizar a pesquisa em função de uma provável imagem de controle construída, mas também nos fala da necessidade de cruzar dados obtidos por meio de análise de conteúdo com dados obtidos por meio de entrevistas,

de modo a entender não apenas as representações no âmbito do produto, mas também compreender como são orientados os processos produtivos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Nara; COELHO, Tamires. **MEDUSAS NA COBERTURA JORNALÍSTICA: a emergência de uma imagem de controle de mulheres que sofrem violência de gênero.** In: Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política – Compólitica. Anais... 2023, Fortaleza-CE, UFC.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução: Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BONIN, Jiani A. Delineamentos para pensar a metodologia como práxis na pesquisa em comunicação. **Rastros**, Joinville, v. 11, p. 9-21, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/54562387-Delineamentos-para-pensar-a-metodologia-como-praxis-na-pesquisa-em-comunicacao-jiani-adriana-bonin-1.html>. Acesso em: 20 Abr. 2022.

BONIN, Jiani. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**, 15(37), 121–127, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2008.37.4809>. Acesso em 13 mai. 2023.

BONIN, Jiani. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, Efendy. et. al. **Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos.** Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 271-294.

BUENO, Thaísa; REINO, Lucas Santiago Arraes. Entre a tabloidização e o teaser publicitário: uma análise dos títulos caça-cliques. **Revista Observatório**, Palmas, v.4, n.3, p. 675-707, maio, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4573>. Acesso em: 15 mai. 2022.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins.** 1ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2020.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HILGERT, Luiza Helena. O arcaico do contemporâneo: Medusa e o mito da mulher. **Lampião-Revista de Filosofia**, v. 1, n. 1, 2020.

MULATINHO, Carolina Pessoa. Mães solo têm mais dificuldade de entrar no mercado de trabalho. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro, 14 de maio de 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-05/maes-solo-tem-mais-dificuldade-de-entrar-no-mercado-de-trabalho#:~:text=O%20n%C3%BAmero%20de%20m%C3%AAs%20solo,11%2C3%20milh%C3%B5es%20em%202022>>. Acesso em 03 de julho de 2023.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu 16**, do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu da Universidade Estadual de Campinas, pp.115-136, Campinas, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Guacira Lopes Louro da versão em francês publicada em **Educação e Realidade**, v.15, n.2, pp.71-99 (1995).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.